

# Suíça propõe capitalizar juros

De Paris, Bonn e Berna, Funaro seguiu para Roma e deverá ir a Tóquio antes de retornar ao Brasil

ASSIS MOREIRA  
Especial para O Estado

BERNA — No momento em que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, desembarcava ontem em Berna, para explicar ao governo suíço as razões da suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, os três principais bancos do país — União de Bancos Suíços, Crédito Suíço e Sociedade de Bancos Suíços — anunciavam obtenção de lucro líquido de US\$ 1,4 bilhão no ano passado, provavelmente o maior dos últimos dez anos.

Diante de tal prova de saúde financeira, alguém poderia pensar que, na Suíça, o ministro Funaro fosse encontrar outra receptividade à sua reivindicação de novos mecanismos de financiamento e solução duradoura para o grave problema da dívida externa.

As autoridades suíças, porém, limitaram-se a fazer eco às declarações dos americanos, ingleses, franceses e alemães: o Brasil deve procurar dialogar e negociar com os bancos comerciais credores. Os governos nada podem fazer, e os suíços, particularmente, argumentam não ter "influência" sobre os bancos.

## DÉFICIT DE 5 BILHÕES

O ministro Funaro chegou a Berna, a capital suíça, às 11h00 da manhã, começando logo em seguida uma maratona de encontros. Até as 4 horas da tarde, o ministro, sempre acompanhado do presidente do Banco Central, Francisco Gros, manteve

lhora nas relações do Brasil com o FMI daria mais segurança a todas as partes envolvidas na questão da dívida externa.

O termo segurança, aliás, foi bastante mencionado no encontro de Funaro com as autoridades suíças. Elas sugeriram que o Brasil adote medidas de reajuste duradouro, e que evite assim alterações constantes nas regras do jogo, porque isso causa problemas para quem eventualmente tenha interesse em investir mais no País.

As autoridades suíças registraram também o seu "lamento" à suspensão do pagamento dos juros da dívida, e, embora insistindo na sua impossibilidade de promover ações concretas para dar um outro encaminhamento ao problema, ressaltaram o fato positivo de o Brasil tê-los procurado para explicar a decisão.

"É bem melhor ouvir pessoalmente do que através de despachos ou de jornais — observa um portavoz suíço. Neste aspecto, podemos dizer que a visita do ministro Funaro foi vantajosa, pois em discussões globais sobre a dívida, certamente levaremos em conta as argumentações do Brasil".



Gros: Só Fidel aplaudiu

audiência com os ministros da Economia, Jean Pascal Demaluraz, e das Finanças, Otto Stich, e ainda com o presidente do Banco Central Suíço, Pierre Langlet.

Terminada a maratona, e não escondendo o cansaço, o ministro Funaro deu entrevista na qual voltou a reclamar da rigidez dos bancos americanos, ao contrário, segundo ele, dos bancos europeus e japoneses, "que oferecem alternativas para uma solução do problema".

Os bancos suíços, particularmente, propõem a capitalização dos juros, o que a princípio agrada Funaro. "Trata-se de dinheiro novo, de qualquer forma", argumenta. Funaro explicou que o Brasil necessita de US\$ 5 bilhões para fechar o balanço de pagamentos este ano, em razão da diferença do que precisa pagar ao Exterior — US\$ 14 bilhões — menos o saldo comercial previsto — US\$ 9 bilhões.

Embora assegure que as explicações do Brasil têm sido bem recebidas pelos governos visitados, o ministro Funaro não consegue dar um exemplo de qualquer dado positivo obtido até agora na sua viagem. O presidente do Banco Central, Francisco Gros, comentou: "Só quem aplaudiu a nossa moratória até agora foi o Fidel Castro, mas evidentemente não poderíamos esperar que os credores fossem bater palmas". O ministro Funaro queixou-se especialmente da dureza da nota oficial do governo inglês, mandando o Bra-

sil procurar o FMI: "Ficamos surpresos, porque na reunião os ingleses tiveram outro discurso e outro comportamento". Na verdade, demorou aí atra ao ministro, até agora de fato a maior resistência a qualquer novo enfoque ao problema da dívida externa encontra-se nos Estados Unidos.

O ministro Funaro reiterou em Berna que a suspensão do pagamento dos juros é temporária, mas lembrou que não foi ele que criara o "termômetro" dos três meses de prazo que têm os bancos americanos. Ressaltou que o Brasil não aceita novo acordo com o FMI nem admite impoção de cláusulas de condicionalidade no segundo round de negociações da dívida. E espera também, ao contrário da expectativa dos meios financeiros, obter melhor negociação que a do México. Os mexicanos conseguiram, por exemplo, reduzir o spread — taxa de risco —, de 1,5% para 0,875%.

As 18h horas, sob um intenso frio, o ministro Dilson Funaro e sua comitiva embarcaram no único avião do governo suíço, um jatinho de oito lugares, com destino a Zurique, de onde viajou para Roma. O ministro, embora bastante cansado, procurava demonstrar otimismo na sua maratona. Ele retorna hoje ao Brasil, fará um balanço das conversações com os governos credores e depois promete anunciar a segunda parte da estratégia brasileira, para se livrar do aperto da dívida.